

Goldman Sachs e o Brasil

Elio Gaspari

Folha de S. Paulo, 27.6.2010

Recordar é viver: quando o governo de FHC estava afogado numa crise cambial, o Goldman Sachs recomendou a privatização da Petrobras, da Caixa Econômica e do Banco do Brasil para devolver “credibilidade” ao Brasil.

O poderoso banco de investimentos Goldman Sachs está lutando bravamente para entrar na engenharia financeira da capitalização da Petrobras. Dos grandes, é o único que está fora do negócio.

Deveria ser chamado a participar, desde que seu principal executivo, o doutor Lloyd Blankfein, peça desculpas públicas por uma molecagem e por um mau conselho que seu banco deu aos brasileiros.

A molecagem: No início da campanha presidencial de 2002, quando o dólar começou a subir, o Goldman Sachs criou o Lulômetro. Era uma elegante equação onde cada interessado podia prever o preço do dólar depois da eleição, mudando as variáveis de acordo com suas expectativas políticas. Num resultado otimista, a vitória de Lula levaria a moeda americana de R\$ 2,70 para R\$ 3,04. Caso José Serra fosse eleito, ela cairia para R\$ 2,52. Terrorismo eleitoral, do bom.

O mau conselho: Em janeiro de 1999, quando o governo de Fernando Henrique Cardoso estava afogado numa crise cambial, o Goldman Sachs recomendou uma "medida de grande impacto", a privatização da Petrobras, da Caixa Econômica e do Banco do Brasil. Paulo Leme, diretor de mercados emergentes do banco, acreditava que o bota-fora aumentaria a credibilidade do país, e a Petrobras renderia até US\$ 60 bilhões. O valor de mercado da empresa estava em US\$ 15,4 bilhões. Hoje está em US\$ 165 bilhões. Leme era um queridinho da ekipekônômica tucana, que desejava colocá-lo numa diretoria do Banco Central. Foi abatido em voo pelo então ministro José Serra.